

Banco de Boston: contra os "mal-entendidos".

"Do ponto de vista da grande maioria dos bancos, sair de uma moratória é simplesmente começar a pagar de novo, enquanto o governo brasileiro está dizendo — e vários bancos estão tentando levar essa posição aos demais credores — que sair da moratória não é necessariamente retomar pagamentos, mas retomar as negociações. Mal-entendidos como esses são, na opinião do presidente do Grupo Banco de Boston no Brasil, Henrique Meirelles, os principais entraves nas negociações entre o Brasil e os bancos credores.

Para Meirelles, que ontem participou do programa "Economia a Quatro Mãos", apresentado pelos comentaristas econômicos Celso Ming e Marco Antônio Rocha, na **Rádio Eldorado-AM**, "o que está acontecendo agora é um grande mal-entendido, produto de uma mudança grande de posição do Brasil e de uma dificuldade de entendimento em torno disso".

Segundo Meirelles, os documentos que foram redigidos na rodada de negociações de novembro último, um emitido pelo Comitê de Credores e outro pelo Brasil, "podem ser iguais até no conteúdo, nas idéias básicas, mas são palavras diferentes, são maneiras de colocar diferentes, feitas por pessoas que têm culturas diferentes. O documento dos credores não enfatiza que haveria a necessidade de empréstimo-ponte; o do governo brasileiro menciona que o Brasil retomaria as negociações com o suporte dos credores".

Para ele, as negociações se tornam difíceis na medida em que envolvem "muita gente de culturas diferentes, e têm uma dificuldade maior pelo fato de não existir um organismo multilateral respeitado por todos e que esteja assumindo a responsabilidade das negociações".

Particularmente, no caso do Banco de Boston, a administração brasileira procura fazer com que a dos Estados Unidos "entenda o melhor possível a problemática do Brasil, para que seja capaz de tomar as decisões mais adequadas". Em muitos outros bancos, destacou, "na maioria das vezes as dúvidas, os problemas, são produto do des-

conhecimento.

A respeito dos comentários de alguns banqueiros estrangeiros de que o Brasil pode pagar os juros deste ano, mas estaria escondendo as reservas, Meirelles afirmou que "o problema maior diz respeito ao fato de que grande parte das receitas do Brasil estão sendo usadas não só para pagar os juros dos empréstimos das instituições multilaterais e daquela parte não sujeita à moratória, mas também o principal, por exemplo, do Banco Mundial, do Banco Interamericano, do FMI, além de uma recomposição moderada de reservas".

E mais: "O problema maior não é a relação ao que está acontecendo agora, é tudo uma questão da previsão para mais adiante. Isto é, do ponto de vista do governo brasileiro, ele está fazendo as contas partindo do pressuposto de que pode ou não chegar a um acordo com o Fundo Monetário, pode ou não retomar o fluxo de financiamentos do Banco Mundial. Quando os bancos fazem contas, estão partindo do pressuposto de que, se o Brasil for ao Fundo receberá um fluxo líquido de recursos e, portanto, a necessidade de dinheiro novo será menor". Sobre o interesse dos bancos estrangeiros em investir no Brasil, Meirelles considera que alguns bancos que já têm presença — como o Banco de Boston — gostariam de ampliar a sua participação, pois já conhecem o País, e já o viram passar por diversas fases, da euforia à depressão. Mas, em contrapartida, uma série de bancos que já tiveram presença em países da América Latina, até mesmo no Brasil, estão tomando decisões políticas e estratégicas no sentido de se retirar dos países em desenvolvimento, por não terem mais nenhum interesse.

Entretanto salientou, "existe uma conceituação mais geral de que quanto mais fechada a economia, quanto mais restritiva, mais ineficiente ela será e, em sendo mais ineficiente, mais dificuldades esse país terá para cumprir os seus compromissos".

Meirelles discorda da afirmação que o mercado brasileiro é mais lucrativo para os bancos que os mercados desenvolvidos. Como exemplo, lembrou que o mercado do-

méstico americano, durante o ano passado e segundo as previsões para 88, será extremamente atraente para os bancos, devido ao resultado da política do presidente Reagan, que incentivou muito as fusões, aquisições, comercializações de empresas, e as compras pelos seus empregados, levando a uma grande atividade de financiamento.

Quando se fala em banco estrangeiro no Brasil, destacou, se fala de duas coisas completamente diferentes: a atividade dos bancos atuando em cruzado, como os bancos brasileiros, e a atividade no Brasil como produto da dívida externa. "O que criou essa grande onda de lucratividade foi a estratégia adotada por alguns bancos — principalmente no início da década de 80, quando México e Brasil começaram a ter problemas — para fazer face a uma possível crise de confiança dos investidores das Bolsas de Valores que poderiam estar preocupados com o desempenho dos créditos aos países em desenvolvimento, de publicar alguns números bombásticos referentes à receita global dos empréstimos. Hoje em dia, está claro que os empréstimos ao Terceiro Mundo não são bons negócios para os bancos."

Existem muitos países interessados, mas para que a conversão da dívida possa funcionar, acredita Meirelles, "é importante que se deem incentivos claros e se simplifique o processo". O problema é que no Brasil se tentou tirar muita vantagem (essa história de "tirar vantagem em tudo"). O governo brasileiro achou que poderia usar isso para matar vários coelhos, conseguir investimentos no Nordeste, assegurar a securitização de uma parte da dívida... Evidentemente, atrelou-se tanto peso à conversão que ela não decolou.

Ele prevê, no entanto, que se o Brasil conseguir tirar partido do desconto da dívida, "pela primeira vez teremos condições de subsidiar industrialização e investimentos sem a conta ser paga pelo governo — em última análise, por nós, contribuintes, na medida em que a conta seria paga pelos bancos, que estariam dispostos a assumir um prejuízo no Brasil para diminuir suas posições de empréstimos".